
Noticiar é a melhor solução: uma proposta de rediscussão dos estudos sobre a cobertura jornalística do suicídio¹

Cecília Ribeiro MILIORELLI²

Rafael da Silva Paes HENRIQUES³

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

RESUMO

O objetivo deste artigo é rediscutir, através do levantamento de estudos publicados nos últimos anos, a cobertura jornalística do suicídio. Foram analisadas cinco dissertações, selecionadas por meio de uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Plataforma Sucupira. Os trabalhos evidenciam a preocupação com os critérios de noticiabilidade e com as informações divulgadas sobre a morte voluntária. Conclui-se que é necessário ir além da preocupação com o tabu do suicídio na pesquisa acadêmica, defendendo a cobertura jornalística e explorando teorias e métodos que contribuam para uma perspectiva própria da comunicação sobre o suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; suicídio; mídia; comunicação; pesquisa.

INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19 ocasionou diversas repercussões na saúde mental da população, uma vez que alterou uma série de fatores sociais, econômicos e culturais na nossa sociedade (FARO et al, 2020). Neste sentido, quadros de saúde mental relacionados ao risco para o suicídio são agravados. É o caso da depressão e de alguns tipos de transtornos de ansiedade, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5 (2014).

Essa relação de fatores causais do suicídio são externos aos indivíduos, e são de cunho social. Mas, por outro lado, existem variáveis que estão intrinsecamente conectadas com as questões subjetivas do sujeito em sofrimento, de acordo com Durkheim (1999). Isso significa que a morte voluntária se apresenta de uma forma muito particular, mas faz parte de um fenômeno essencialmente social.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, e-mail: cecilia.miliorelli@edu.ufes.br.

³ Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, e-mail: rafael.henriques@ufes.br.

A especificidade do autoextermínio – polissêmico por natureza – é objeto de disputa de poder pelos atores sociais interessados em dominar a lógica da organização e das interpretações de valores na sociedade. Neste sentido, o campo da comunicação, em especial a prática jornalística, é um território onde esses sentidos construídos e compartilhados estão em constante mudança, segundo Zanetti e Reis (2017). A lógica neoliberal do mercado, a publicidade e a rotina dos profissionais condicionam a produção da notícia e são fatores determinantes no circuito de informações, de acordo com Emerich et al. (2019).

No entanto, muito embora a leitura do jornalismo seja frequentemente referente à experiência individualizada, ela é referente à totalidade da realidade social compartilhada (GENRO FILHO, 1987). Isso, no contexto das pautas da saúde, é exemplificado pelos valores-notícia que são essenciais para a definição da produção jornalística, e mais do que isso: são definitivos para reforçar qual doença ou quadro de sintomas é mais relevante do ponto de vista da saúde coletiva e da necessidade de mobilização social. “Sabe-se que nem todo tema de saúde é igualmente noticioso, e não raro os critérios jornalísticos são diferentes dos critérios epidemiológicos, evidenciando as tensões entre o jornalismo e a saúde” (EMERICH et al, 2019, p. 934).

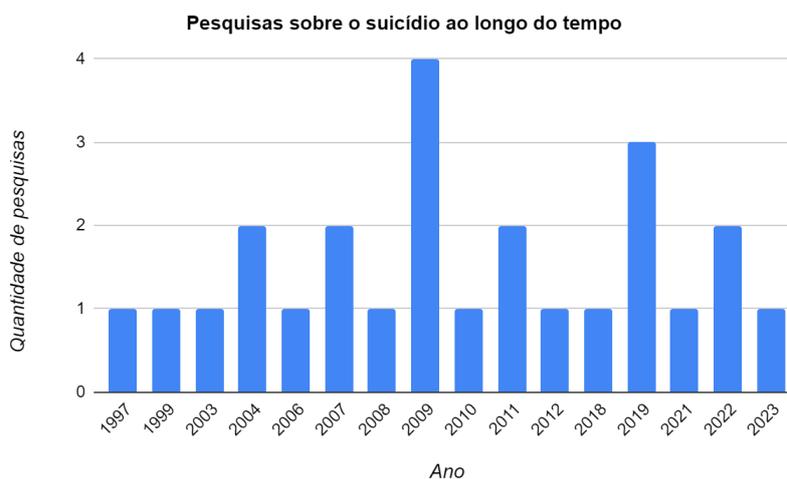
Desta forma, o campo científico da Comunicação e Saúde é um espaço de produção de conhecimento onde atuam diversas formas de poder simbólicas, que se relacionam e produzem territorialidades (Haesbaert, 2007). E para compreender como essa relação de forças se dá no âmbito do território da produção de conhecimento sobre a saúde mental, é preciso entender os conflitos de interesse e as contradições existentes, que também geram disputas neste campo de produção de sentido, de acordo com Araújo e Cardoso (2007).

Ao longo dos anos, percebe-se que as pesquisas que exploram coberturas jornalísticas da morte voluntária diagnosticam um tratamento temeroso por parte da mídia, que ainda considera um tabu pautar o tema. Os dados, no entanto, mostram uma tendência de crescimento de 6% de mortes provocadas por autolesões na população jovem brasileira antes da pandemia (FIOCRUZ, 2024), e uma expectativa ainda pessimista em relação à frequência dos casos nos próximos anos (FIOCRUZ AMAZÔNIA, 2022). Deve, então, o jornalismo se furtar da temática do suicídio?

O objetivo deste artigo foi mapear alguns estudos que analisam notícias sobre o suicídio, publicados nos últimos anos, entendendo quais são as principais preocupações sobre a qualidade da cobertura noticiosa. Ao final, a partir do recorte estabelecido, são desenvolvidas algumas questões norteadoras que podem contribuir para o entendimento do papel do jornalismo na cobertura desse tema tão caro à saúde coletiva.

O MAPEAMENTO

Com o intuito de analisar estudos mais aprofundados, este levantamento foi realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da Plataforma Sucupira (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>), através da busca pelas palavras-chave “jornal” combinada com “suicídio”. No total, foram encontrados 25 trabalhos, sendo 18 dissertações e quatro teses de doutorado.



Fonte: Elaborado pelos autores.

De uma forma geral, o tema do suicídio manteve-se de baixo interesse ao longo do tempo, com o máximo de publicação de um ou dois trabalhos anualmente. No entanto, em dois momentos é possível ver aumento na frequência de estudos: primeiro em 2009, período marcado por uma crise econômica e por um aumento nos casos do suicídio (EXAME, 2013), e depois em 2019, em outro momento de alta nos números (G1, 2019).

Já para efeitos de análise, foram selecionados os cinco trabalhos que aparecem quando aplicados os filtros de áreas de concentração de conhecimento “Comunicação” ou “Jornalismo e Editoração”, já que este resumo impõe limitação de caracteres. Ao

todo, são três trabalhos de mestrado acadêmico e dois de mestrado profissional; nenhuma tese foi capturada pelos filtros aplicados.

SUICÍDIO NA MÍDIA: TABU E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

A dificuldade do jornalismo em abordar o suicídio, tema considerado tabu na sociedade é destacada por Lopes (2023), que parte desta premissa para investigar seis reportagens das TVs *Globo*, *Record* e *SBT*, que pautam casos de feminicídio seguido de suicídio. A pesquisadora busca compreender a relação entre esses dois eventos sociais e conclui que essa junção resulta em uma cobertura jornalística frágil e sensacionalista.

Neste sentido, as matérias analisadas trazem duas coberturas jornalísticas distintas: o feminicídio – noticiado com mais frequência pela mídia – e o suicídio, que costuma ser um tema delicado para os veículos de comunicação e aparece menos nas notícias. Sobre o primeiro tópico, Lopes (2023) identifica uma banalização da violência contra a mulher. Já sobre a morte voluntária, ela se atém às informações que compõem a matéria, e se elas estão de acordo com o que é preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

A autora, nesse sentido, elenca pontos de melhoria dessa cobertura, principalmente aqueles relacionados ao trato do tema pelo jornalista. No entanto, o papel da instituição jornalística na solução do problema não é abordado, diferente do que acontece quando o assunto é o feminicídio: “O jornalismo pode ser o “botão de pânico” das mulheres que estão em situação de violência, que irão entender o contexto que estão inseridas e buscar ajuda ao Estado [...]” (LOPES, 2023, p. 102).

Outro estudo explora as diversas formas de violência articuladas com o suicídio nas coberturas noticiosas. Segundo Ferigato (2019), o objetivo do seu trabalho é compreender em quais circunstâncias a morte voluntária de pessoas anônimas é noticiada, através da análise de conteúdo de 151 matérias dos portais de notícia G1 e Uol, no ano de 2017. Assim, a amostra traz o homicídio como o evento que mais apareceu relacionado ao autoextermínio (54%), de acordo com Ferigato (2019).

Para isso, a autora passa pelo tabu da não noticiabilidade do suicídio para negá-lo ao explorar os valores-notícia que estão atrelados ao autoextermínio de sujeitos pouco conhecidos pelo grande público das notícias (FERIGATO, 2019).

Mais uma vez, os principais documentos orientativos sobre a cobertura do suicídio foram observados – como o manual da Organização Mundial da Saúde (OMS),

intitulado *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia* (2000), o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e até manuais de redações, como os da própria Folha de S. Paulo (FERIGATO, 2019). Os resultados mostram que, muitas vezes, os jornalistas não seguem as recomendações e que, em apenas 13% das matérias do corpus, problemas sociais que agravam o quadro do suicídio são abordados,

Da mesma forma, imbuída da necessidade de entender o que faz com que o tabu do suicídio seja superado e o tema seja noticiado, Carvalho (2019) analisa o único jornal impresso da Paraíba – o *Correio da Paraíba* – e faz entrevistas com os profissionais da notícia para saber qual é a orientação acerca da cobertura da morte voluntária. Nesta pesquisa, é feito um levantamento de manuais com recomendações para a redação de matérias sobre o autoextermínio, partindo da premissa de que a mídia pode interferir na decisão de pessoas que sofrem com depressão ou com propensão ao suicídio (CARVALHO, 2019). Como resultado, a autora reforça o pouco conhecimento que os jornalistas possuem desses documentos, o que acaba dificultando ainda mais o contato com o tema.

Por outro lado, as matérias que abordam o autoextermínio possuem um viés preventivo, principalmente ligado à campanha Setembro Amarelo – com a divulgação de informações que são de interesse público e preconizadas por entidades internacionais de saúde, segundo Carvalho (2019). Assim, a perspectiva sobre o papel do jornalismo no tratamento da morte voluntária neste trabalho também está profundamente ligada à análise das informações que deveriam ser divulgadas e àquelas que não poderiam ser divulgadas.

Outra pesquisa que reforça o caráter do tabu do suicídio na mídia é a de Santos (2019), que explora os conceitos de responsabilidade social e ética em um levantamento de matérias jornalísticas da Folha de S. Paulo. No entanto, apesar de sua pergunta de pesquisa passar pelo incômodo da discussão da noticiabilidade, o trabalho traz a necessidade de novas abordagens do tema para reforçar a importância da instituição jornalística. Assim, “acreditamos que a questão central não deve ser o ‘abordar’ ou ‘não abordar’, mas sim, compreender que cada caso precisa de uma abordagem específica” (SANTOS, 2019, p. 122).

Como resultado do estudo, a pesquisadora identifica que as notícias buscam incessantemente respostas para o autoextermínio. Além disso, segundo Santos (2019),

ao passo que as notícias exploram as motivações de quem pratica tal ato – principalmente quando os fatores sociais são preponderantes – há o risco de que outras pessoas se identifiquem com os seus motivos.

Por outro lado, em um esforço de compreender as diferenças na cobertura internacional da morte voluntária, os veículos de língua inglesa *Daily Mail*, *People's Daily*, *Times of India* e *USA Today* são analisados em um estudo que mostra quais são as relações de causa e consequência atribuídas ao suicídio, de acordo com Pires (2022). Nesta pesquisa, o tema do tabu não compõem de forma orientativa o estudo. Isso porque o foco está na qualidade e nas diferenças entre os veículos de comunicação analisados, a partir das diferentes culturas dos territórios de origem desses jornais.

O autor trabalha com a noção de “gatilhos”, sejam eles interiores ou exteriores ao indivíduo, e traz marcos narrativos de cada um dos veículos, evidenciando, sobretudo, a tendência ao apelo emocionado, ao invés de uma abordagem política que explore fatores sociais. No entanto:

Este trabalho expõe que há um entrelaçamento entre a história e o jornalismo que supera o próprio mundo altamente conectado. Uma vez que não há uma uniformidade entre os jornais, eles carregam consigo aspectos idiossincráticos definidores de seu fazer jornalístico (PIRES, 2022, p. 114).

DISCUSSÕES

No âmbito desta pesquisa, que não engloba todos os estudos sobre o suicídio realizados nos PPG's no território nacional, os trabalhos aqui analisados, com exceção de um, partem de um único ponto de partida para a investigação: a de que morte voluntária não deve ser noticiada. Seja para reafirmar ou desmistificar essa ideia.

O suicídio é filosoficamente um fenômeno social que sempre existirá e que, portanto, mantém-se como um problema passível de ser pautado pela mídia. Ademais, é preciso incorporar as perspectivas sociais, históricas e econômicas nas análises de fatores que dão contorno à produção noticiosa.

Por isso, embora o estudo sobre os critérios de noticiabilidade sejam necessários para entender o processo produtivo no jornalismo, é preciso compreender a mídia enquanto uma prática social, localizada no tempo e no espaço. Isso significa que o jornalismo constrói consensos sobre a saúde mental e sobre o suicídio a partir de princípios econômicos, históricos e culturais que organizam a experiência social.

Portanto, é indispensável considerar a totalidade do circuito noticioso, explorando as relações existentes entre os modelos econômicos que regem a nossa

organização social e as novas formas do sofrimento psíquico – para então pensar em como contribuir para a prevenção de um desfecho tão trágico quanto a morte voluntária.

Superar a preocupação sobre o aspecto do “tabu” é, de alguma maneira, reconhecer a relevância do jornalismo na produção de sentidos sobre esse tema. E mais do que isso: é reforçar o seu papel na construção de uma sociedade mais democrática e consciente, além de resgatar a credibilidade jornalística e defender uma prática noticiosa mais comprometida com as desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais** - DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Seção II. Critérios Diagnósticos e Códigos: Transtornos Depressivos e Transtornos de Ansiedade, p. 155-189, 2014.

ARAÚJO, I. S; CARDOSO, J. M. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. 152 p. (Coleção Temas em Saúde).

CARVALHO, C. M. **O Delicado Lugar Do Suicídio No Noticiário Impresso Paraibano**. 2019. 125 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

DURKHEIM, E. **O suicídio: Estudo de sociologia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019. 513 p.

EMERICH, T. B. *et al.* Doenças midiaticamente negligenciadas e estratégias de visibilidade na percepção de atores-chave. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 933-950, jul./set. 2019.

CALEIRO, J. P. Crise econômica levou a quase 5 mil suicídios só em 2009. **Exame**, São Paulo, 20 dez. 2013 Disponível em: <https://exame.com/economia/crise-foi-responsavel-por-quase-5-mil-suicidios-so-em-2009/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia**. Campinas, São Paulo, v. 37, p. 1-4, fev. 2020.

FERIGATO, G. M. **Morte sem fama: critérios de noticiabilidade do suicídio de anônimos em portais brasileiros**. 2019. 193 p. Dissertação (Mestrado em Linguagens Jornalísticas e Tecnologias) - FIAM-FAAM, Centro Universitário, São Paulo, 2019.

SEBASTIÃO, M. Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil **FIOCRUZ BAHIA**, Bahia, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FIOCRUZ AMAZÔNIA. Fiocruz avalia excesso de suicídios no Brasil na primeira onda de Covid-19. **FIOCRUZ AMAZÔNIA**, Manaus, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-avalia-excesso-de-suicidios-no-brasil-na-primeira-onda-de-covid-19>. Acesso em: 15. mai. 2024

GENRO FILHO, A. **O Segredo Da Pirâmide: Para uma Teoria Marxista do Jornalismo**. 1987. 276 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

FIGUEIREDO, P. Na contramão da tendência mundial, taxa de suicídio aumenta 7% no Brasil em seis anos. **G1**, São Paulo, 10 set. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/09/10/na-contramao-da-tendencia-mundial-taxa-de-suicidio-aumenta-7percent-no-brasil-em-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2024.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 19-45, 2007.

LOPES, E. E. **Femicídio seguido de suicídio: qual o papel da mídia em orientar para a prevenção de casos relacionados**. 2023. 118 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

PIRES, Arthur Freire Simões. **Quadros de suicídio: um estudo comparado das narrativas sobre autoextermínio no jornalismo diário**. 2021. 164 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SANTOS, M. S. X. **Por quê? Uma análise dos discursos sobre suicídio no jornalismo diário**. 2019. 144 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ZANETTI, D; REIS, R. Comunicação e territorialidades: Em torno do poder e da cultura. *In*: ZANETTI, D; REIS, R. **Comunicação e Territorialidades: Poder e Cultura. Redes e Mídias**. Vitória: Edufes, 2017. Intro. p. 10-20.